

Calvino e o Episódio Serveto

Alister E. McGrath

Se havia uma área da vida civil a qual o Conselho municipal estava determinado a manter totalmente sob seu controle, esta era a da administração da justiça. A magistratura de Genebra havia conquistado o direito de administrar a justiça civil e criminal, durante sua revolta contra o bispo de Genebra e seu protetor, o ducado de Sabóia. Observamos anteriormente que, antes da mudança de Genebra em direção à independência, o símbolo da autoridade episcopal na cidade havia sido o *vidomne*. Esse oficial que, juntamente com sua assessoria, ocupava o castelo na ilha que havia no meio do rio Ródano, havia servido como um lembrete visível da soberania do bispo sobre sua cidade.

Em 1527, o direito do bispo de julgar casos civis foi cedido à cidade. Nos anos seguintes, plena autoridade judicial foi gradualmente cedida aos Messieurs de Genebra: o direito de executar sentenças criminais foi transferido aos síndicos e os apelos, oriundos da cidade para as cortes externas superiores, foram impedidos. Até 1530, a cidade havia adquirido o controle total do judiciário. O direito de administrar a justiça superior era, efetivamente, como uma demonstração pública de independência da cidade. Permitir que qualquer indivíduo ou poder estrangeiro influenciasse a justiça de Genebra era destruir a soberania duramente conquistada pela cidade.¹ De maneira nenhuma os Messieurs de Genebra estavam dispostos a permitir que um estrangeiro exercesse qualquer influência sobre essa característica central da administração civil da cidade. A Calvino pode ter sido conferida autoridade, perante o Consistório, para disciplinar membros infratores de suas congregações, impedindo-os temporariamente de participar das cerimônias de comunhão; porém, como um mero *habitant*, ele era rigorosamente excluído da administração da justiça civil e criminal. É com isso em mente que podemos nos voltar à consideração do episódio que, posteriormente, levou por um lado à consolidação do poder de Calvino em Genebra e, por outro, à sua difamação como um tirano sanguinário.²

O julgamento e a execução de Miguel Serveto por heresia é responsável, mais do que qualquer outro episódio, pela reputação posterior de Calvino.³ Não é

¹ O século 16 assistiu à destruição de tal autoridade judicial entre as cidades francesas, à medida que o absolutismo ganhava força. Ver Doucet, *Institutions de la France*, 45-55.

² É dessa época o cargo de Procureur-Général, cujas responsabilidades eram, a grosso modo, equivalentes às de um promotor americano. Pode-se alegar que a estrutura geral da justiça de Genebra foi estabelecida em 28 de novembro de 1529, a qual – apesar de modificações mínimas, em 1563 – permaneceu como a base do sistema judicial da cidade até o final do século 18. Ver Monter, *Studies in Genevan Government*, 61-7.

³ Isso é melhor analisado no maravilhoso estudo, feito por Giggisberg, sobre o modo como Sebastião Castellón – que criticou a atuação de Calvino no episódio de Serveto – era visto, especialmente durante o

inteiramente claro por que os acadêmicos qualificaram a execução de Serveto como algo mais importante e significativo do que as execuções em massa que se deram na Alemanha, após a frustrada Guerra dos Camponeses (1525) e após o término do cerco de Münster (1534), ou a cruel política de execução dos sacerdotes católicos, na Inglaterra, na época da rainha Elizabeth. Mesmo muito tempo depois, em 1612, o governo inglês, sob as ordens dos bispos de Londres e Lichfield, queimou em praça pública dois indivíduos que defendiam idéias similares às de Serveto. Na França eram empregadas políticas cruéis de execução semelhantes: trinta e nove indivíduos foram condenados à fogueira, em Paris, por heresia, entre maio de 1547 e março de 1550.⁴

O Editto de Chateaubriand (de 27 de junho de 1551) aboliu a exigência de que a punição máxima por heresia deveria ser confirmada, caso a caso, pelo *parlement*. Dali em diante, as cortes inferiores eram livres para proceder contra os hereges da forma que bem entendessem. O século 16 pouco conheceu ou ignorou totalmente a aversão moderna pela punição máxima, considerando-a um método legítimo e conveniente de eliminar os que fossem indesejáveis e de desencorajar sua imitação. A cidade de Genebra não era uma exceção: não possuindo a detenção para longos períodos (os prisioneiros eram mantidos na cadeia por um breve período, às suas próprias custas, enquanto aguardavam julgamento), a cidade tinha apenas duas espécies de pena máxima em vigor – o banimento e a execução.

Além disso, não é inteiramente claro o motivo pelo qual o episódio devesse ser considerado como uma demonstração de algo particularmente monstruoso em relação a Calvino. Seu apoio tácito à pena máxima por ofensas tais como a heresia, a qual ele (e seus contemporâneos) considerava grave, faz dele nada mais do que um filho de sua época, em vez de uma ultrajante exceção aos padrões daquele tempo. Escritores posteriores ao Iluminismo têm todo o direito de protestar contra a crueldade das prévias gerações; entretanto, apontar Calvino como alvo de particular criticismo sugere uma seletividade que se aproxima da vitimização. Apontar em sua direção dessa forma – quando sua participação foi, para dizer o mínimo, indireta – e negligenciar alegações de infâmia muito mais graves, atribuídas a outros indivíduos e instituições, levanta sérios questionamentos sobre as inclinações de seus críticos. Serveto foi o *único* indivíduo executado em Genebra por causa de suas convicções religiosas durante a época de Calvino, em um tempo no qual execuções dessa natureza eram comuns em vários lugares.

Além disso, o julgamento, a condenação e a execução (inclusive a opção pelo tipo específico de execução) de Serveto foram, totalmente, obra do Conselho municipal, em um período de sua história durante o qual este era particularmente hostil em relação a Calvino. Os perrinistas haviam conquistado o poder recentemente e estavam determinados a enfraquecer a posição de

Iluminismo: H. Guggisberg, *Sebastian Castellio im Urteil seiner Nachwelt vom Späthumanismus bis zur Aufklärung* (Basiléia, 1956).

⁴ R. Mentzer, *Heresy Proceedings in Languedoc, 1500-1560* (Nova Yorque, 1984), 100-1.

Calvino. O julgamento de Serveto – que guarda paralelos com o julgamento dos gentis, em Berna, na década seguinte – intencionava demonstrar sua impecável ortodoxia, como se fosse uma preparação para sabotar a autoridade religiosa de Calvino na cidade. O Consistório – o instrumento normal de disciplina eclesiástica, sobre o qual Calvino possuía considerável influência – foi completamente ignorado pelo conselho, em seus esforços para marginalizar Calvino. Contudo, ele não poderia ser totalmente ignorado em uma questão de controvérsia religiosa de tal relevância. Ele estava envolvido na questão, inicialmente, como um primeiro promotor indireto das acusações e, posteriormente, como uma testemunha, na qualidade de especialista em teologia; esse testemunho, contudo, poderia ter partido de qualquer teólogo ortodoxo da época, quer fosse protestante ou católico romano.

Esse ponto deve ser explorado. Alguns críticos de Calvino parecem sugerir que todo o seu sistema religioso deve ser repudiado em razão do episódio Serveto. Contudo, o próprio Tomás de Aquino escreveu abertamente em apoio à queima de hereges, como se segue: “Se o herege ainda permanece obstinado em suas convicções, a Igreja, desistindo de sua conversão, propicia a salvação de outros retirando-o da Igreja, pela sentença de excomunhão e, então, o entrega ao juiz secular para que seja exterminado do mundo pela morte.”.⁵ Esse e muitos outros aspectos do pensamento de Aquino – por exemplo, sua defesa da escravidão, sua atitude em relação aos judeus e sua crença na inferioridade natural das mulheres⁶ – são totalmente inaceitáveis, com toda razão, para muitos no mundo moderno; isso não torna seu pensamento político e religioso inaceitável *em sua totalidade*. O leitor moderno deve exercitar – e geralmente o faz – um certo grau de seletividade em relação a tais aspectos, tendo em mente que muitas das perspectivas de Aquino eram historicamente condicionadas, continuando a considerar Aquino uma fonte fértil de idéias religiosas ou de outra natureza. O mesmo fato acontece e deve valer em relação a Calvino. Não estamos alegando, de modo algum, que é aceitável o fato de qualquer indivíduo envolver-se em julgamentos que levem à punição máxima. Não representa necessariamente uma defesa das atitudes e ações, tanto do Conselho municipal de Genebra, como do próprio Calvino, o fato de apontarmos que estas encontram amplo apoio dentre as obras de Tomás de Aquino. Porém, se Calvino não pode ser desculpado nesse ponto, ele pode e deve ser contextualizado como alguém que viveu em uma época a qual, não possuindo muitas das preocupações típicas do pensamento liberal do século 20, considerava a execução de hereges como uma atividade rotineira.

O leitor moderno pode estar inclinado a considerar “heresia” como a expressão de uma opinião em conflito com a ortodoxia dominante – e, como tal, recebê-la favoravelmente como uma expressão de criatividade e de liberdade pessoal. Deve-se enfatizar que esse é um entendimento moderno do conceito, para o qual o século 16 não se encontrava preparado. Estudos sócio-políticos detalhados sobre as mais importantes heresias cristãs históricas sugerem que estas não estavam preocupadas meramente com idéias, mas com uma agenda

⁵ *Summa Theologiae* IIaIIae q. II a.3.

⁶ Ver P.E. Sigmund, *St Thomas Aquinas on Politics and Ethics* (Nova York, 1988), xxvi.

social e política muito mais ampla. Por exemplo, a controvérsia donatista, ao final do período clássico, pode parecer relacionada meramente a teorias contrárias sobre a natureza da Igreja cristã; contudo, sua agenda fundamental voltava-se aos conflitos entre os berber, povo nativo do Norte da África, e os colonizadores romanos. As questões teológicas eram, normalmente, um verniz que recobria os movimentos sociais e nacionais voltados a desafiar o *status quo* sócio-político, assim como sua respectiva “posição religiosa oficial”.⁷ O considerável apelo popular associado às heresias, durante o período medieval, normalmente refletia não tanto um interesse em suas idéias *religiosas*, mas uma percepção de suas implicações sociais e políticas. Um exemplo particularmente esclarecedor desse fato é fornecido pelo Hussianismo, o movimento associado a João Huss, no início do século 15. Embora o movimento possa parecer essencialmente voltado a abstrações teológicas, tais como a natureza da Igreja, sua força motriz se encontrava no seu forte apelo ao nacionalismo boêmio e ao seu programa sócio-econômico. A Igreja Católica foi forçada a se posicionar prontamente contra a heresia, em razão de suas tendências potencialmente desestabilizadoras. O poder da Igreja, tanto quanto sua doutrina, era o que estava sob ameaça.

Com a chegada da Reforma às cidades da Europa ocidental, as desestabilizadoras tendências de heresia tornaram-se cada vez mais evidentes. Desde o início havia uma tensão entre aqueles Reformadores (tais como Lutero, Zwinglio, Bullinger, Bucero e Calvino) que viam a Reforma como um processo simbiótico, o qual envolvia os Reformadores e os magistrados agindo em conjunto dentro da ordem estabelecida e aqueles Reformadores radicais (tais como Jacob Hutter), que consideravam a verdadeira Reforma como uma varredura da corrompida ordem social e política existente. O Conselho municipal de Zurique sentiu-se ameaçado por tais elementos radicais na década de 1520 e tomou todas as medidas disponíveis para evitar que eles alcançassem alguma influência na cidade. A ala radical da Reforma, também conhecida como o anabatismo, era primordialmente caracterizada, a nível religioso, pela sua rejeição do batismo infantil: a nível social, porém, suas perspectivas eram radicalmente anti-autoritárias, incluindo, freqüentemente, importantes indícios de Comunismo. Acontecimentos em Münster, que caiu sob domínio dos radicais em 1534,⁸ confirmaram a grave ameaça que a ala radical da Reforma representava para as estruturas sociais existentes. Embora os conselhos municipais católicos e protestantes pudessem divergir em muitos pontos, eles tinham uma crença em comum de que a heresia ameaçava a estabilidade e, conseqüentemente, a existência de suas cidades. O destino de Münster – que teve de ser reconquistada através de um cerco prolongado e sangrento – revelou o fato de que a heresia envolvia bem mais do que simples idéias: ela representava uma séria ameaça à existência urbana. Nenhuma cidade poderia se dispor a permitir tal influência desestabilizadora dentro de seus limites. As medidas drásticas, adotadas pelo Conselho municipal de Estrasburgo após 1534,

⁷ Ver W. H. F. Friend, “Heresy and Schism as Social and National Movements”, *Studies in Church History* 9 (1972), 37-56.

⁸ J. M. Stayer, “Christianity in One City: Anabaptist Münster, 1534-35”, em H. J. Hillerbrand (ed.), *Radical Tendencies in the Reformation* (Kirksville, Mo., 1988), 117-34.

a fim de eliminar a ameaça radical, ilustram, de forma clara, o quanto essa ameaça era seriamente encarada naquela época.⁹

Genebra não era uma exceção. Uma vez que havia sido provada a existência de um herege em seu meio, cujas simpatias o alinhavam com a ala radical da Reforma, as autoridades de Genebra tiveram pouca opção, exceto agir, apesar das dificuldades advindas do fato de que Serveto não estava, estritamente falando, sujeito à justiça de Genebra. Não está totalmente esclarecido o motivo pelo qual Serveto deva ter escolhido visitar Genebra; provavelmente ele parou na cidade quando estava a caminho de Basileia em busca de refúgio, como fez Calvino antes dele.¹⁰ Ele já havia sido condenado como herege pelas autoridades católicas, na França; contudo, ele havia escapado da prisão em Viena e se encaminhado a Genebra, para ser preso, em 13 de agosto de 1553. Ele havia publicado, recentemente, um livro intitulado *Christianismi Restitutio* (será que havia um deliberado paralelo com a *Institutio Christianae Religionis*, de Calvino? A obra negava um ponto central da fé cristã – a Trindade e uma prática tradicional – o batismo infantil). Embora Calvino claramente considerasse a primeira questão infinitamente mais grave, a julgar pela ferocidade de seus ataques verbais a Serveto (ataques, diga-se de passagem, cuja natureza confirma a impressão generalizada sobre a crescente mesquinhez e amargura de Calvino, à medida que envelhecia), é provavelmente a última questão que representa o motivo das ansiedades do Conselho municipal. Isso ocorria pelo fato de que a negação do batismo infantil automaticamente alinhava Serveto aos anabatistas (a expressão significa, literalmente, “aqueles que batizam novamente”), a ala radical da Reforma, a qual havia causado tantos problemas em Zurique, Münster, Estrasburgo e em outras localidades. Os anabatistas haviam abolido a propriedade privada e transformado todas as propriedades em utilidade pública; eles haviam introduzido o princípio da igualdade econômica¹¹ – em resumo, eles representavam uma ameaça vital à ordem econômica e social da qual dependia a frágil existência de Genebra. O Conselho municipal deve ter tido poucas dúvidas de que havia uma ameaça real. Embora tenha sido Calvino que, agindo pessoalmente, providenciou a acusação e a prisão de Serveto, foi o Conselho municipal que – apesar de sua forte hostilidade em relação a Calvino – assumiu o caso e processou Serveto com rigor.¹² Isso causou surpresa aos expectadores externos: Wolfgang Musculus escreveu sobre sua convicção de que Serveto, evidentemente, esperava se beneficiar da hostilidade do Conselho municipal em relação a Calvino.¹³ Deve-se observar que a atuação posterior de Calvino nesse processo foi a de um consultor técnico ou de uma testemunha especializada, em vez de um acusador. Em 21 de agosto as autoridades de Genebra escreveram para Viena, pedindo informações adicionais a respeito de seu prisioneiro. Especificamente, elas requisitaram “cópias das provas,

⁹ Deppermann, *Melchior Hoffmann*, 296-311.

¹⁰ Bullinger sugeriu que foi devido à providência divina ou que Genebra reconquistou sua reputação pela ortodoxia: OC 14.624.

¹¹ Ver Stayer, “Anabaptist Münster”, 130-1.

¹² O modo pelo qual o Conselho municipal processava os indivíduos que eles consideravam nocivos pode ser ilustrado pelo julgamento fraudulento de George Battonat (1552). Isto foi amplamente documentado, a partir de arquivos, por Naef, “Un alchimiste au XVIe siècle”.

¹³ OC 14.628.

informações e do mandado de prisão” que havia contra Serveto.¹⁴ As autoridades católicas de Viena exigiram, imediatamente, a extradição de Serveto para que fosse processado lá. O Conselho municipal ofereceu-lhe, então, uma opção: ele poderia retornar a Viena ou permanecer em Genebra, submetendo-se à decisão da justiça desta última. É significativo que Serveto escolhesse permanecer em Genebra.¹⁵

À medida que se desenrolavam os acontecimentos, tornava-se cada vez mais evidente que o Conselho municipal tinha duas opções: eles poderiam banir Serveto da cidade ou executá-lo. Incertos acerca de como proceder, o Conselho municipal consultou os aliados de Genebra em Berna, Zurique, Schaffhausen e Basileia. As respostas foram inequívocas.¹⁶ A anotação feita nos registros da Venerável Companhia de Pastores gravou a decisão do Conselho municipal, em 25 de outubro de 1553, como se segue¹⁷: “Suas Excelências, havendo recebido os pareceres das igrejas de Basileia, Berna, Zurique e Schaffhausen a respeito do caso de Serveto, condenaram o referido Serveto a ser levado a Champey e lá ser queimado vivo”. Provavelmente, tendo em mente as memórias das execuções de alguns de seus amigos, que foram queimados em Paris, o próprio Calvino tenha tentado alterar o tipo de execução para algo mais humano como a decapitação;¹⁸ ele foi ignorado. No dia seguinte, Serveto foi executado. Genebra não possuía carrascos profissionais. Seus carrascos – como seus carcereiros e todos os demais oficiais públicos – eram amadores.¹⁹ A execução foi uma verdadeira carnificina.

Em 1903 um monumento de granito foi erguido no local onde Serveto foi executado. Sua inscrição condena “um erro que pertenceu a seu século”. Contudo, lamentavelmente, toda organização cristã de maior relevância cuja história possa ser traçada até o século 16 tem sangue literalmente espalhado sobre suas credenciais. Os católicos romanos, os luteranos, os reformados e os anglicanos: todos condenaram e executaram seus próprios Servetos, seja de forma direta ou – como no caso do próprio Calvino – indiretamente. É justo sugerir que seja impróprio apontar para Calvino como se ele fosse de algum modo o precursor desse costume selvagem ou um defensor particularmente ardoroso e detestável dessa prática, enquanto a maioria de seus esclarecidos contemporâneos desejava vê-la abolida. O caso de Etienne Le Court, que foi publicamente humilhada, estrangulada e queimada pela Inquisição, na cidade de Rouen, em 11 de dezembro de 1533, por sugerir, entre outras coisas, que “as mulheres iriam pregar o evangelho”, parece ter sido muito mais chocante. Provavelmente os historiadores, como qualquer pessoa, tenham suas próprias motivações.

¹⁴ OC 8.761, 783, 789-90

¹⁵ OC 8.789.

¹⁶ OC 8.808-23.

¹⁷ OC 36.830.

¹⁸ OC 14.656-7. Observe a conclusão de Höpfl, *Christian polity of John Calvin*, 136: “não há absolutamente o que quer que seja que sugira que Calvino, em algum momento, favorecesse algo que não fossem execuções rápidas e eficientes”.

¹⁹ Monter, *Genevan Government*, 57.

As conseqüências do episódio de Serveto foram consideráveis. Basileia, com sua crescente simpatia por políticas liberais, ficou chocada com a execução.²⁰ Sebastião Castello, antecipando perspectivas mais modernas, escreveu um panfleto em Basileia argumentando veementemente a favor da tolerância em relação às questões religiosas (e, assim sendo, em relação a tudo o mais). Isso incitou Teodoro de Beza a desenvolver uma influente teoria de governo que explicava e justificava o comportamento do Conselho municipal.²¹ O episódio também serviu para impelir Calvino ainda mais adiante na vanguarda do protestantismo, consolidando sua já considerável reputação como um intelectual e escritor religioso: como indicam diversas cartas de colegas admiradores da Alemanha e de outras localidades, Calvino era agora considerado o defensor da verdadeira fé em meio aos círculos protestantes. Em Genebra, porém, ele ainda se encontrava bastante isolado. Essa situação, contudo, começou a se modificar e iria culminar na revolução de 1555, a qual consolidou definitivamente a autoridade de Calvino na cidade.

Fonte: *A Vida de João Calvino*, Alister E. McGrath, Cultura Cristã.

²⁰ A progressiva alienação de Basileia em relação a Genebra foi traçada por Plath, *Calvin und Basel in den Jahren 1552-1556*.

²¹ Kingdon, "The First Expression of Theodore Beza's political Ideas".